

AS PAISAGENS DO RIO PARDO DESVENDADA PELA
COMUNIDADE RIBEIRINHA NO SUDOESTE DA BAHIA:
Conversações entre o percebido e o vivido.

*THE LANDSCAPE OF THE PARDO RIVER UNVEILED BY RIVERINE
COMMUNITY IN SOUTHWESTERN BAHIA: Talks between the perceived
and lived.*

*EL PAISAJE DEL RÍO PARDO DIO A CONOCER POR LA
COMUNIDAD DE RIBERA EN EL SUROESTE DE BAHÍA: Las
conversaciones entre lo percibido y vivido.*

Nádia Sampaio

Mestre em Geografia

Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado da Bahia- FETAG
Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária-PRONERA
E-mail: ndiasampaio@yahoo.com.br

Maria Augusta Mundim Vargas

Núcleo de Pós Graduação em Geografia

Professora Doutora da Universidade Federal de Sergipe- UFS
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n CEP 49100-000.
São Cristóvão - Sergipe
E-mail: amundim@infonet.com.br

Resumo

A comunidade ribeirinha na região Sudoeste do Estado da Bahia em Itambé tem passado por transformações no seu modo de vida. Essas modificações na reorganização do espaço ribeirinho promovem o desmanche de suas práticas culturais, dos conhecimentos tradicionais, dos valores coletivos e cotidianamente construídos, interferindo na preservação da identidade e territorialidade ribeirinha. Ao ouvi-los, observou-se estarem presentes as características que os identificam como tais e ainda mantém viva na memória a história que os construíram como ribeirinhos. O rio Pardo é o elemento de maior simbologia na paisagem e a percepção dos mesmos é respaldada pela visão de mundo permeada por suas águas. No entanto, a realidade vivida os direcionam a negação da continuidade desse modo peculiar de viver e os conduzem à invisibilidade dos sujeitos e da comunidade. Destarte, acredita-se que medidas emergenciais devam ser tomadas a fim de evitar a invisibilidade ribeirinha. Nesse contexto urge uma ação mais efetiva do poder público voltado para alternativas de preservação da memória social bem como para a recuperação do ambiente ribeirinho, sejam suas águas e margem, sejam as condições de habitação dos atuais moradores.

Palavras- chave: Paisagem; rio Pardo; comunidade ribeirinha; percepção.

Abstract

The riverine community in the Southwest region of Bahia in Itambé has undergone changes in their lifestyle. These changes in the reorganization of space riverine promote the dismantling of their cultural practices, traditional knowledge, values and daily collective built by interfering in the preservation of identity and territoriality riverside. Upon hearing them, it was observed to be present the characteristics that identify them as such and still keeps alive the memory and history that have built around it. The Rio Pardo is the largest element of symbolism in the landscape and the perception of them is backed by the world view permeated by its waters. However, the reality experienced the direct denial of the continuity of this peculiar mode of living and lead to the invisibility of the individuals and the community. Thus, it is believed that emergency measures should be taken to avoid the invisibility riverside. In this context urges a more effective action by public authorities focused on alternatives for the preservation of social memory as well as for the recovery of the riverine environment, whether its water and shore, are the housing conditions of the present inhabitants.

Keywords: Landscape; Pardo, riverside community, perception.

Resumen

La comunidad ribereña en la región suroeste de la Bahía en Itambé ha sufrido cambios en su estilo de vida. Estos cambios en la reorganización del espacio fluvial promover el desmantelamiento de sus prácticas culturales, los conocimientos tradicionales, los valores y todos los días colectiva construida por interferir en la preservación de la identidad y la ribera territorialidad. Al escucharlos, se observó que se presentan las características que los identifican como tal y aún mantiene viva la memoria y la historia que han construido a su alrededor. El Río Pardo es el mayor elemento de simbolismo en el paisaje y la percepción de los mismos está respaldado por la visión del mundo impregnada por sus aguas. Sin embargo, la realidad que viven la negación directa de la continuidad de este modo peculiar de vida y llevarían a la invisibilidad de los individuos y la comunidad. Por lo tanto, se cree que las medidas de emergencia deben ser adoptadas para evitar la orilla del río invisibilidad. En este contexto, insta a una acción más eficaz de las autoridades públicas se centraron en las alternativas para la preservación de la memoria social, así como para la recuperación del medio ambiente fluvial, ya sea el agua y el margen, son las condiciones de vivienda de los actuales habitantes.

Palabras clave: Paisaje; Pardo, comunidad ribereña, la percepción.

Introdução

Não há paisagem sem geografia. Não há tampouco geografia sem paisagem. [...] Desde o início, a consideração da paisagem permite superar a separação entre geografia naturalista e geografia social. Ela reconcilia o material e o ideal, o quantitativo e o qualitativo, ela ultrapassa o rompimento entre natureza e a monografia e o sistema. Não é uma revolução, mas é um passo adiante. Ao compor uma paisagem, recompomos uma geografia. (BERTRAND, 2007, p. 270).

Ao lançar um olhar sobre a constituição de um determinado grupo social e as características que o mesmo imprime no espaço em que habita, observa-se que são nas relações triviais do cotidiano onde são construídos os laços afetivos, os símbolos, os códigos de conduta, as práticas culturais estabelecendo dessa forma os vínculos de pertencimento e determinando uma dinâmica que promove identidade e territorialidade.

Dentro desse contexto, no município de Itambé pertencente ao Sudoeste baiano que abarca trechos do rio Pardo, expõem-se de maneira generalizada os problemas sociais, a degradação ambiental, os processos de desterritorialização severamente aprofundados para com a comunidade ribeirinha. Neste artigo, apresenta-se a leitura da paisagem em que o homem é inserido como um elemento em constante interação com o espaço vivido.

Portanto, entende-se que cada grupo social busca sempre manter incólume o tradicional e cotidiano modo de vida e se torna interessante e imprescindível examinar como esses, no decorrer da história, vão vivenciando processos de desterritorialização e como passam a perceber os novos espaços de vivência. A Geografia oferece subsídios necessários para um entendimento da dinâmica espacial dos elementos materiais e imateriais na paisagem como categoria privilegiada neste estudo, por meio da vertente humanista e fenomenológica ao abarcar considerações que sugestiona uma aplicação prática nas relações construídas entre os moradores e a paisagem que para Santos (2007, p.54):

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.

Destarte, revelar a percepção dos ribeirinhos com relação à paisagem do rio Pardo provocou a busca do aprofundamento de conhecimentos relacionados à interação entre sujeito e objeto que nela são inseparáveis, bem como a compreensão de que a mesma não deve ser examinada apenas de onde se observa, mas apreendida; visualizada como um conjunto, uma verificação mais pausada, detalhada e continuamente na perspectiva de discuti-la como portadora de simbolismos, significações e marcas que convidam a lançar um olhar curioso para a averiguação do espaço como acumulação e transformação dos tempos justapostos. Para esse entendimento complexo e desafiador Bertrand (2007, p.266) afirma:

No coração da paisagem, há a sua polissemia. Esta é a sua especificidade e sua riqueza. [...] A paisagem deve ser recolocada no coração da sociedade onde a cultura e a sensibilidade vem interferir com as questões socioeconômicas e ecológicas, muito especialmente aquelas que revelam da gestão do meio ambiente e da transformação dos territórios.

Nessa compreensão, admite-se que na comunidade ribeirinha em Itambé, a paisagem na qual compõe o rio é representada como território que os pertencem na esfera do vivido, que permite a construção histórica posto que possuem uma cosmovisão marcada pela presença das águas do rio Pardo.

No entanto, é essencial destacar que as mudanças históricas – temporais conflitam com o espaço ribeirinho em questão. Em tempos de uma racionalidade voltada para a reprodução do capital e a imposição da lógica instrumental à lógica cultural, verifica-se como padrão hegemônico de desenvolvimento os processos de desterritorialização e descontinuidade, tal qual o acirramento da crise de valores e da relação humanidade – natureza que os afetam diretamente. No bojo das observações, insere-se a vivência diária que destoa da percepção que em alguns momentos determinou o modo de vida da comunidade e que atualmente os inserem em novas formas de vida, que escondida na genérica expressão de trabalhador da cidade, a vida ribeirinha se torna destituída de sentido.

Reflexões sobre Geografia e a Paisagem

A paisagem vem antes do ser humano, e, contudo se torna produto da ação do homem. Por muito tempo foi considerada apenas um manifestação natural e recentemente com uma abordagem mais ampla que permite a leitura de símbolos, de significados, impressões e marcas que podem ser percebidas ou ocultas. Saramago (1999, p. 129) declara com firmeza em seu livro *Levantado do chão*: “o que há mais na terra é paisagem. Por muito do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda”. A noção preenche o imaginário na memória humana sem mesmo existir um conceito elaborado. Quando da observação do meio ambiente, podia-se falar da própria paisagem especialmente ao descrever o entorno de ambientes vividos e / ou visitados. A identificação de uma determinada paisagem estava associada à fisionomia de uma dada área, a sua expressão

visível, sempre baseada na descrição dos elementos naturais e humanos e como a mesma poderia ser aproveitada como recurso.

A fruição da natureza como espetáculo estético, implica à invenção da paisagem, implica o afastamento entre sujeito e o objeto de contemplação (a natureza), a mobilização dos sentidos e a aprendizagem de códigos de seleção, apropriação e valorização, os quais fazem parte de um modelo cultural, pois a paisagem é uma maneira de ver o mundo. (SALGUEIRO, 2001, p.38)

A paisagem não foi sempre lida da mesma maneira durante o desenrolar da Ciência Geográfica que ao longo do processo de construção e desenvolvimento evidenciou-se por diferentes formas de perceber, pensar e refletir os fenômenos socioespaciais durante a produção do pensamento geográfico, incluindo os procedimentos metodológicos que são essenciais nessa continuidade. São variadas as linhas de pensamento que norteiam o estudo geográfico e são as bases do desenrolar da mesma. Leia-se que após os diversos trabalhos elaborados ao longo do tempo, é somente a partir do século XIX que essa disciplina alcança reconhecimento sendo considerada como ciência que deva ser estudada em Universidades. Portanto, várias correntes do pensamento Geográfico foram delineadas.

Essa percebe o homem como um elemento em constante comunhão com o ambiente e modificando tanto a si próprio como o seu meio. Abarca a interação segundo a percepção do indivíduo e ao transmitir tal compreensão, preocupa-se em permitir ao homem se revelar. Apoiada na fenomenologia a Geografia Humanista, se pautou em verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição das pessoas e utiliza como ferramenta fundamental a experiência vivida e adquirida pelo indivíduo.

Ao considerar que o fenômeno é o objeto da investigação fenomenológica a premissa básica passa a ser a elucidação do seu significado, uma vez que a Terra é constituída por uma totalidade e o ser humano experiencia diversas situações que se apresentam nas paisagens, tanto naturais e artificializadas, produzidas pela sociedade que as compõem. A fenomenologia se propõe a estudar as experiências concretas do homem e encontrar nessas uma orientação que supere a simples sucessão de fatos. Rocha (2007, p.23) afirma que:

A fenomenologia tem a ver com os princípios e as origens do significado e da experiência. É concernente a fenômenos tais como ansiedade,

comportamento, conduta, religião, lugar e topofilia, que não podem ser compreendidos somente através da observação e medição, mas que devem primeiramente ser vividos para serem compreendidos como eles realmente são, como ressalta Tuan (1980).

Destarte, admite-se que a Geografia Cultural, como constructo sociocultural propõe a análise da paisagem dentro da possibilidade de retomada da dimensão social e cultural na Geografia procurando atender a uma mais elaborada compreensão das questões ambientais. A abordagem cultural apresentou como perspectiva de análise a experiência humana no meio ambiente e socialmente, buscando abarcar o sentido, os significados que os mesmos atribuem ao espaço em que vivem. Claval (1997, p.89) considera que:

A Geografia Cultural está associada à experiência que os homens têm da Terra, da natureza e do ambiente, estuda a maneira pela qual os modelam para responder às suas necessidades, seus gostos e suas aspirações e procura compreender a maneira como elas aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar.

Com esse viés, a Geografia Cultural propõe uma leitura pormenorizada da paisagem levando em conta a compreensão dos fatores históricos, pois não existe espaço sem tempo, posto que nas paisagens estejam contidos objetos passados e presentes, e estão indiscutivelmente ligados à memória e a identidade dos grupos humanos. Qualquer forma de modificação seja destruição, alteração da configuração pode significar a morte e/ou o (re) surgimento de outra. Afinal, a paisagem não se traduz apenas, mas é, sobretudo, como criação humana da qual contém a marca de uma sociedade sobre um território. “A paisagem é, então, por essência, um ponto, ou mais exatamente, um processo de interface ao mesmo tempo sujeito e objeto, natural e cultural, individual e social”. (BERTRAND, 2007, p.270).

Santos (1996, p. 32) também aponta que “a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal; representando as sucessivas relações entre o meio natural e o ser humano de forma localizada, apontando para a importância do momento e da temporalidade”. Esse instante diz respeito à observação, ao contexto em que se olha e busca entendê-la, ressaltando a construção da paisagem em determinado momento. A temporalidade transversal permite compreender a história das relações espaciais.

Sob essa dimensão, observa-se que a paisagem não é estática, é processo e como tal tende obedecer a uma dinâmica contínua e exprime um funcionamento que a faz ser

percebida tanto nos seus aspectos materiais quanto em suas múltiplas extensões sociais e culturais, pertencendo à história da humanidade desde os seus primórdios até as sociedades atuais e as futuras. É uma referência cultural que eternamente está inscrita na memória daqueles que a habitam. A paisagem também é considerada uma criação interna, ou seja, é resultado da sociedade que a confere como existência social, e, portanto, como produto social historicizado que possibilita analisar o espaço geográfico nos limites de uma produção econômica e cultural. É referida como mediadora entre a sociedade e a natureza.

Olhando para o rio Pardo

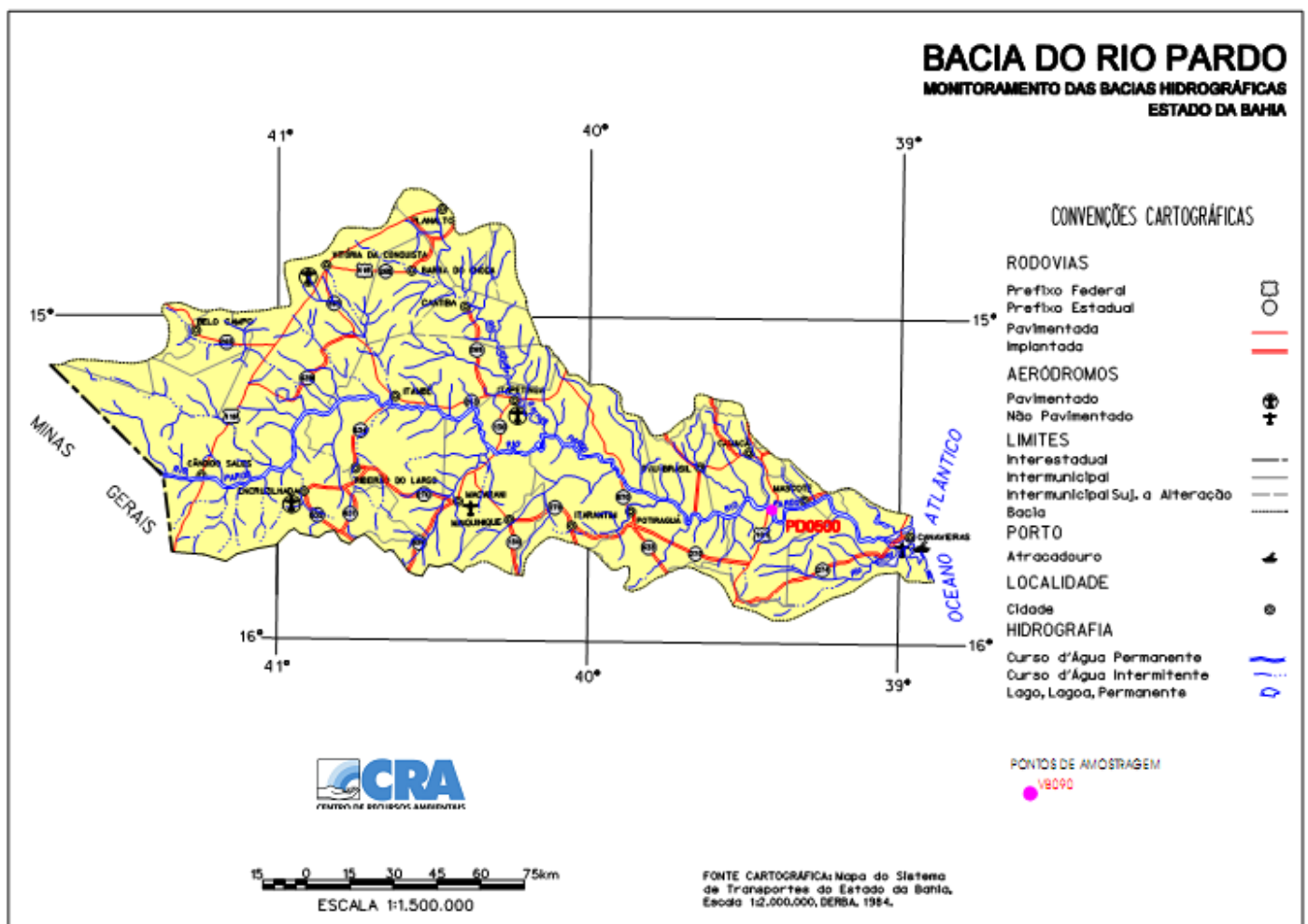


FIGURA1: Mapa da Bacia do rio Pardo

De um modo mais amplo, a paisagem pode ser absorvida como um trabalho discursivo e de ordenamento da imagem do mundo tendo como ponto de partida o ambiente próximo, concreto, palpável e apreensível pelos sentidos humanos mediante a concepção de cada povo e em cada época. Carlos (1996, p.30) avalia que:

A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ao lugar ou das formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feita de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo.

É a unicidade da existência humana no mundo físico que se transforma em manifestações simbólicas que não se reduzem umas às outras e que estão inscritas na paisagem. São, portanto diversas e diferenciadas a depender da cultura externalizada como expressão de sua existência. Para Berque (2004 p.84-85):

A paisagem é uma *marca*, pois expressa uma *matriz* porque participa dos esquemas de percepção de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno. E assim, sucessivamente, por infinitos laços de co-determinação.

Portanto, as transformações das paisagens de rios devem ser consideradas de forma que se torne possível verificar como se apresentam a relação cultural estabelecida entre os habitantes e esses elementos naturais, afinal paisagem é um símbolo que necessita de permanente atualização. Nessa expectativa surge uma nova forma de elaborar a paisagem, por meio de diferentes linguagens. O homem sempre observou rios, montanhas, florestas, matas, campo, etc. Porém em um dado momento houve a consciência de que se viam tais elementos, ou seja, é exatamente nesse instante que o ser humano percebe sua capacidade de mudanças em suas relações com o meio natural, de transformação. Cada grupo humano tem uma maneira própria de representar, de interpretar e agir sobre o meio natural, afinal, a representação é a construção de uma visão de mundo. Diegues (2004, p.63) indica a importância de abarcar a representação no exame da paisagem.

Em suma, no coração das relações materiais do homem com a natureza aparece uma parte ideal, não material, onde se exercem e se entrelaçam três funções do conhecimento: *representar, organizar e legitimar* as relações dos

homens entre si e deles com a natureza. Torna-se, assim, necessário analisar o sistema de representações que indivíduos e grupos fazem de seu ambiente, pois é com base nelas que eles agem sobre o meio ambiente.

As práticas de uma comunidade em torno de uma paisagem, de um rio, advêm do que ela é e de como a mesma percebe aquele lugar em especial, e será melhor compreensível com conhecimento das representações, no intuito de apreender o lugar e entender como a comunidade apropria, constrói e modela o ambiente que é o palco da sua realidade cotidiana na relação sociedade-natureza local. “É através de um conhecimento das representações das pessoas que é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares de vida dos homens e mulheres; pelas representações também é possível entender a maneira pela qual as pessoas modelam as paisagens e nelas afirmam suas convicções e esperanças”. (ALMEIDA, 2003, p.71)

Portanto, ao estudar o rio Pardo, no município de Itambé no Estado da Bahia, verifica-se que o ambiente em questão torna-se familiar devido a uma série de informações sobre experiências passadas e atuais que são armazenadas e trazidas à memória sempre que necessário. E ao ter o conhecimento sobre o rio, os moradores, os usuários e os ribeirinhos têm atitudes sobre ele incluindo suas preferências ou não pelos lugares. Privilegia-se a percepção que os ribeirinhos desenvolveram do seu ambiente de vivência na dimensão cotidiana. Conforme Gil Filho e Gil (2008, p.106):

O estudo do cotidiano compreende a análise do indivíduo de modo geral, envolvido em relações com os outros indivíduos. Sendo que o espaço é o meio que possibilita a conexão entre as coisas. Sua compreensão já está submetida à compreensão imediata do mundo vivido, que é a soma de todas as ações e intervenções junto ao meio onde o indivíduo vive, criando dessa forma uma experiência de vida, cada qual com a sua experiência.

O lugar estudado, o rio Pardo, pertence à Bacia hidrográfica do rio Pardo que corta os Estados de Minas Gerais e Bahia, limitando-se ao norte com a Bacia do rio de Contas, ao sul com a do rio Jequitinhonha. O rio Pardo nasce no município de Rio Pardo de Minas no Estado de Minas Gerais e conclui seu curso no município de Canavieiras no Estado da Bahia desaguando no Oceano Atlântico.

Quanto ao uso e ocupação da Bacia hidrográfica se dá principalmente pela urbanização, pecuária, agricultura, atividades industriais, mineração. A maior parte da área ocupada encontra-se utilizada pelas atividades de pecuária, agricultura, extrativismo vegetal e mineração. Também se observa um crescimento nas áreas

ocupadas por processos de urbanização e pequenas atividades industriais. Em relação ao uso da água do rio Pardo atividades verificadas na Bacia são: irrigação, abastecimento público para usos urbano e rural; pesca artesanal, piscicultura, dessedentação de animais, corpo receptor de efluentes industriais e domésticos, recreação e navegação na foz do rio, lazer e turismo na faixa litorânea. Todas essas informações foram obtidas junto ao Centro de Recursos Ambientais - CRA, 2001.

As principais fontes de poluição dos recursos hídricos na Bacia do rio Pardo referem-se às atividades de agricultura e pastagem que geram processos erosivos com conseqüente assoreamento dos rios e alteração da qualidade das águas. Por outro lado, as atividades urbanas e industriais lançam nos corpos d'água substâncias que podem alterar a sua qualidade por meio da introdução de elementos nocivos ao meio.

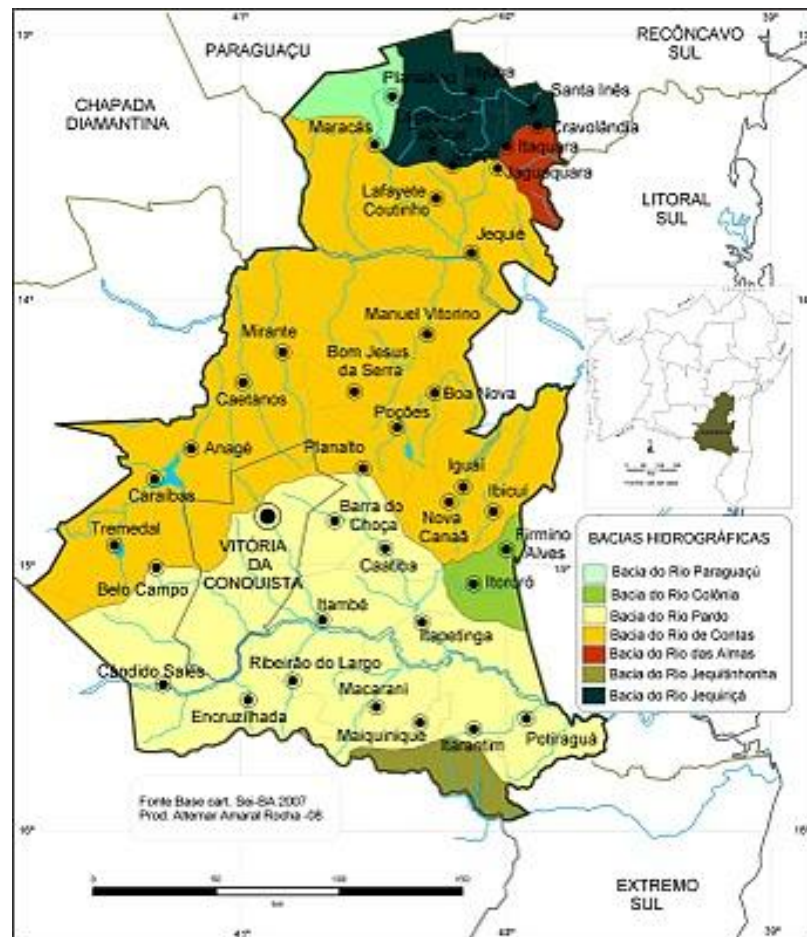


FIGURA 2. Mapa da Região Sudoeste da Bahia
Org. Altomar Amaral Rocha

É neste cenário que concentra o rio Pardo no qual cotidianamente permite-se que sejam estabelecidas as relações que proporciona a criação de laços sociais entre os indivíduos e sociedade que participam do mesmo lugar, da mesma realidade e reforçam os vínculos, as ligações interpessoais. Seria então um modo exclusivo de fazer, de representar, de perceber o “mundo” à sua volta. Isso não quer dizer que haja homogeneidade nos grupos que pertencem a aquele lugar e àquele cotidiano, pois em um mesmo espaço ocorrem relações diferenciadas entre as pessoas e entre o ambiente, tal qual maneiras distintas de vivenciar o dia-a-dia. No entanto, pertencem à mesma realidade espacial e convivem entre si estipulando hábitos, usos, signos e significados, e o estudo desse dia-a-dia habitual admite levar a conhecer a expressão de cada sociedade. “Nesse sentido, entende-se que o sentimento de pertencimento rompe com as barreiras do racionalismo do saber multifacetado e com as práticas conseqüentes que mantêm a natureza externalizada e os sentimentos de hostilidade, virtuosidade e mercadoria predominantes” (VARGAS, 2003).

Com base nesse enfoque é que se procedeu a leitura do rio Pardo por meio do olhar do ribeirinho. Suas histórias de vida, suas permanências, sua produção espacial, os conflitos, enfim suas práticas no e para com o rio. Neste ínterim, foi necessário revelar os recônditos do cotidiano, o que dá sentido ou os significados atribuídos pelos grupos humanos ao lugar em que estão fixados e as ações refletidas nas suas paisagens advindas dessas orientações, foi uma tarefa minuciosa, pois buscou-se analisar o próprio homem, suas ligações e manifestações que o enraíza e desenvolve um forte sentimento de pertencimento e para tanto os percursos metodológicos foram essenciais.

Percursos metodológicos

O trabalho de campo desenvolvido nesta pesquisa iniciou-se com a observação da comunidade no seu dia-a-dia, seu vai e vem, suas linguagens, quando elaborou-se um diário que retratava a paisagem do rio Pardo, seus símbolos que caracterizam aquele ambiente e a comunidade ribeirinha. Nesse momento, foram obtidas informações do lugar, quais os moradores mais antigos, a frequência ao rio e atividades ali realizadas. Sempre com as conversas informais e bate-papos. A observação visual foi privilegiada,

tanto quanto o contato com as pessoas que moram e já moraram ali e os freqüentadores do rio.

A escolha dos entrevistados foi por meio do critério do mais antigo morador ao de menor tempo de residência próximo ao rio Pardo. As entrevistas semi-estruturadas aconteceram às margens do rio no município de Itambé. Visou uma caracterização dos entrevistados e que identificassem sua percepção frente ao rio e os principais problemas enfrentados cotidianamente, suas possíveis origens, efeitos e soluções. Privilegiou-se a análise dos significados, dos elementos representativos, das responsabilidades, dos interesses, das possibilidades de uso, as expectativas, e as práticas exercidas por eles no e para com o rio, e ainda os aspectos marcantes da paisagem. Todos os entrevistados autorizaram o uso de suas falas e as iniciais dos nomes, no entanto, se negaram a assinar o Termo de livre concessão de informações (para fins científicos), alegando alguns que não sabiam ler nem escrever e outros por estarem “próximo das eleições e não quererem se comprometer”, mesmo sendo informados por diversas vezes que a pesquisa não tinha comprometimento com as eleições”.

Do total de participantes constavam moradores, ex-residentes (atualmente freqüentadores do rio) e as mulheres lavadeiras de roupa que exercem tal atividade no rio Pardo. Desses, a maioria pertence ao sexo feminino e estavam às margens do rio no momento das entrevistas. O universo masculino constitui-se de entrevistados que foram abordados em suas residências e os que estavam visitando o rio. A idade dos entrevistados variou entre 32 (trinta e dois anos) a 84 (oitenta e quatro anos), sendo que a maioria se concentra na faixa dos 40 a 70 anos. Com relação ao nível de escolaridade, 5 (cinco) pessoas declararam sem escolaridade, 15 (quinze) com primário incompleto, 4 (quatro) concluíram o ensino fundamental e 5 (cinco) informaram que não concluíram o nível médio.

Quando questionados quanto à profissão e/ou ocupação dos mesmos obteve-se variadas respostas que curiosamente alguns afirmaram: “Ribeirinho por amor, mas hoje sou catador de latinhas”. Outros vendedores de picolé. Alguns são aposentados e se mantém com as respectivas pensões. Carregador de materiais diversos (madeiras, material de construção, entulhos etc.) com uso de carroças e cavalos. A maior parte das mulheres se caracterizou como donas-de-casa e lavadeiras de roupa. No que concerne ao grau de relação atual com o rio entre as 18(dezoito) mulheres: 66% (sessenta e seis

por cento) se consideram muito ligadas ao rio por variados motivos: trabalho como lavadeiras de roupas, outras porque tiveram a infância desenvolvida as margens do Pardo (expressão utilizada por quase todos os que compuseram esta pesquisa). Ainda concluem: “A gente tem um grande sentimento de gratidão por ele (o rio)”. Mas, 34% (trinta e quatro por cento) vão ao rio esporadicamente em função do lazer ou para lavar a roupa da casa (serviço sem remuneração).

Entre o universo masculino foram 11(onze) entrevistados, dos quais 63% (sessenta e três por cento) se consideram “guardiões do rio e dos costumes”, porém nas falas eles destacam que “no dia a dia recorrem às atividades principalmente de carroceiros e vendedores de picolé no centro da cidade de Itambé a fim de garantir a sobrevivência da família”. Apenas 20% (vinte por cento) dizem ter um pequeno grau de envolvimento com o rio e práticas culturais que estão relacionadas com a comunidade ribeirinha, enquanto que 17% (dezessete por cento) afirmam que não pertencem à realidade ribeirinha. Desse modo, declaram-se pertencer ao espaço urbano, pois não há mais espaço para a experimentação de um cotidiano voltado para o rio ainda considerando que o rio Pardo é o maior símbolo da vida ribeirinha.

Cabe considerar que em função dos problemas sociais, econômicos, dentre outros possibilita a mobilidade populacional de uma maneira aprofundada, ou seja, poucos são os ribeirinhos que ainda conseguem sobreviver nas proximidades do rio e uma grande parte tenta incluir-se na vida urbana em Itambé. Assim, foi perceptível que a cada momento de encontro, de entrevistas, notava-se a diminuição da população ribeirinha em Itambé.

Conversações entre o percebido e o vivido.

“O ribeirinho era um povo feliz, um povo que vivia bem, que tinha esse nome porque merecia.” Essa foi a explicação encontrada pelo ribeirinho que mais viveu à beira do rio Pardo e que conscientemente avalia a vida e a morte social de uma comunidade que pertencia a essas águas. É a definição mais oportuna de comunidade que está sendo desfeita pela ferocidade das atuais práticas capitalistas que vigoram no espaço urbano e que os alcançam. O passado remete ao estabelecimento de uma comunidade que se criou e resiste nas lembranças, nos hábitos e na identificação.

O rio, a canoa, o trabalho na agricultura, a pesca, a caça, são construtores de sentido e convém avaliá-los dentro da concepção dialógica que interage a comunidade ribeirinha e a paisagem do rio Pardo, mostrando a impossibilidade de pensar o homem como apêndice das relações que o ligam ao outro, ao espaço em que pertence e é pertencido por ele. Nessa perspectiva de entendimento do espaço vivido, o olhar do morador urbano para o rio é distinto do olhar do ribeirinho para a mesma paisagem, uma vez que o ribeirinho conviveu com o rio por muito tempo e ainda se identifica do mesmo modo. “Tem ribeirinho que vai morrer ribeirinho”. O universo do homem ribeirinho é permeado por suas relações com a natureza, com a construção da sociabilidade, continuado por intermédio da solidariedade, dos valores repassados por gerações, da inserção de símbolos que pertencem também ao campo da religiosidade centrado em Deus como Ser supremo e Criador.



FIGURA 3 e 4: Trechos do rio Pardo em torno do município de Itambé no Sudoeste da Bahia.
Fonte: SAMPAIO, N. Pesquisa de campo, 2009.

Tenta-se reconstruir, por meio das histórias narradas e trazidas à lembrança os relatos feitos pelos ribeirinhos que habitaram o rio Pardo, e assim é possível fazer comparações, analogias e avaliar as conseqüências do processo histórico e geográfico ao clarificar o futuro o que está aparentemente entre o possível e o improvável de acontecer. Nos meandros das falas procuramos apreender a água como aspecto marcante para eles. “A água do rio Pardo representa vida, a nossa vida”, com essa afirmação averigua-se que o rio para os ribeirinhos constitui-se como o aspecto de relevância, pois

seus sonhos, suas expectativas, seu modo de vida foram construídos às suas margens, neste trecho do rio que está localizado em torno do município de Itambé no Sudoeste da Bahia. A cosmovisão está marcada por estas águas. “Mesmo que não tivesse essas árvores, essas plantações que você vê por aqui, o rio ainda seria a coisa mais importante, pois na água que ele guarda a gente encontra peixe pra comer, pode beber e tomar banho, cozinhar, lavar roupa e isso enche a gente de alegria”, declara J. S.P, 79 anos.

A primeira referência da vivência ribeirinha está relacionada à dinâmica e ao papel do curso de água, que nesse caso, o rio Pardo revela, sobretudo, a sobrevivência das famílias ribeirinhas em um passado remoto, à vista disso no rio a cotidianidade se reproduz material e imaterialmente. Para eles, por meio desse curso d’água movimentaram-se sonhos, desejos, encontros e modos de vida.



FIGURA 5: Casa de ribeirinho construída “há muitos anos” nas margens do rio.
Fonte: SAMPAIO, N. Pesquisa de campo, 2009.

O homem ribeirinho criou seu próprio mecanismo de usar o tempo e o espaço; uma cultura de profundas relações com a natureza, que perdura, consolida e fecunda o imaginário desse conjunto social. As habitações apresentam estreita ligação com o rio e suas águas. As poucas casas que ainda estão próximas da margem mantêm suas portas e janelas voltadas para o rio. Todavia, as vegetações nas margens estão bastante devastadas, a mata ciliar praticamente inexistente em alguns trechos e o acesso de pessoas ao rio facilitou a degradação à beira do mesmo, pois retirou-se a vegetação das bordas a fim de construir caminhos que permitam a passagem dos moradores residentes nos bairros mais próximos.

Tá vendo ali esses espaços, esses caminhos que hoje a gente passa e o rio está bem perto? Não era assim não. O rio era forte tinha muita água e tomava tudo quanto era lugar, tinha que passar bem longe dele porque era bravo, muito bravo, agora o homem acabou com o rio e o rio parece que tá é morrendo. (M. J. S., 72 anos)

Ao falar sobre as águas diante da paisagem do rio no presente, recordam as experiências do passado. A degradação ambiental desse manancial é recorrente, o que tem prejudicado toda a vida biótica; mas as experiências com as suas águas ainda permeiam intimamente a lembrança e o cotidiano dos ribeirinhos. No entanto, no imaginário desses, o rio 'bom' não é este que se vivencia hoje, mas o que pertenceu ao passado da comunidade.

Na minha cabeça eu tenho lembranças do rio bem cheio, muitas árvores, muito verde, muita gente fazendo cada um uma coisa diferente, hoje o que é mais marcante na minha vista é essas águas fracas, antigamente a gente já entrava no rio com as águas na cintura, agora a água dá na metade da canela. (J. S. P., 79 anos)

Torna-se necessário avaliar de que maneira as alterações da paisagem são percebidas pelos ribeirinhos que vivem nesse espaço há muito tempo. Alguns retratam que se fixavam muito próximo dos rios e nos tempos de enchentes tinham que se afastar, pois as margens eram inundadas, e com o crescimento da cidade eles foram aos poucos notando que o rio diminuía sua vazão. O sentido de valor ao espaço do cotidiano encerra o uso e a afetividade individual e coletiva. O rio demarca ou aponta um tempo em que o ritmo e a organização social se interligavam. Os períodos da vazante e da cheia indicavam o instante da partida e da chegada. Os ciclos da natureza determinavam a cultura que se devia plantar e quando colher.

Anteriormente, esse curso de água era bastante usado principalmente como via de deslocamento, o que possibilitava resolver todas as questões do dia-a-dia. A mobilidade do ribeirinho estava diretamente ligada ao rio, pois o mesmo permitia o deslocamento por meio de pequenas embarcações. Da busca pelo auxílio médico até os encontros amorosos. "Muitas vezes a gente saía de canoa ou num barquinho para encontrar com a mulher amada", relembra um dos ribeirinhos. O rio foi o meio pelo qual o ribeirinho transportou o excedente de sua produção para as feiras livres, como o pescado e alguma caça. As águas se tornaram o símbolo possível da locomoção para ambientes que sem elas seriam quase impossível alcançar.

Vê-se que a paisagem é delineada no tempo e no espaço e na medida em que o rio vai sendo afetado pelas mudanças, as mesmas são percebidas e analisadas pelos ribeirinhos com a finalidade de encontrar respostas que justifiquem as modificações na vivência atual. O estilo de vida ribeirinho produz seu próprio ritmo, suas formas e feições, o que proporciona a reprodução social das vivências, do encontro, da sociabilidade, da resistência e das diferenças. As transformações socioespaciais estão sendo constantemente efetuadas e a cultura ribeirinha construída anteriormente tem sido paulatinamente desarticulada e, o que para eles, se inicia com a alteração das águas do rio.

O que era evidente pela abundância, pela fartura de peixes, terra sempre regada, pela mata fechada, continua impregnado na memória dos ribeirinhos, porém enxergada pela ótica da destruição, da degradação, da morte do peixe que representa alimentação, e o desmatamento persistente da mata nativa. Os atalhos conhecidos apenas pelos margeantes do rio por serem de difícil acesso, tanto em direção ao rio, ou aos melhores lugares para pescar; tornaram-se abertos e de fácil acesso sem a vegetação, saltando aos olhos os depósitos de lixo e a poluição das águas.

“O que na minha cabeça é mais vivo aqui é que as águas do rio comandavam a vida da gente, a gente sabia que era hora de plantar e hora certa de colher. Sabia que podia pescar e quando o rio podia matar a gente e a gente tinha respeito por tudo isso” (M. P, 80 anos). A comunidade ribeirinha possuía nos recursos naturais e nos saberes tradicionais conquistados ao longo da história, a forma de garantir a reprodução social, seja material e / ou imaterial de sua gente. No entanto, percebe-se que o conhecimento tradicional que foi exercido de acordo com a observação dos ciclos naturais que determinavam as ações em relação à plantação, a pesca e o próprio lazer, pois também eles conheciam os locais apropriados para a diversão da comunidade, hoje não é considerado nem mesmo aproveitado nas condições de sobrevivência.

Para os ribeirinhos, a natureza definia as atividades que deveriam ser realizadas, tais como, o melhor momento para plantar, colher e pescar, demonstrando que ao observar os ciclos da natureza estariam garantindo sua sobrevivência sem interferir no processo natural. As águas e seus ciclos são entendidos como um domínio natural imutável que devem ser preservados para a conservação da vida. A cultura ribeirinha

combina o ritmo da sua existência alicerçado com o ritmo natural do rio Pardo. Segundo relatos:

Quando era o momento bom para plantar, a gente tinha o sinal do céu limpo e as águas tranquilas, no dia seguinte a gente saía para plantar, depois a chuva regava e a gente esperava o tempo passar para poder colher, e assim começava tudo de novo. Dos relatos advêm que a terra era fértil e que havia vários tipos de árvores frutíferas, uma fauna e flora rica e diversificada. Diversas espécies de pássaros que alegravam a gente com tanto que cantavam. (M. J. S, 72 anos)

No período das cheias, a comunidade ficava mais atenta aos problemas que poderiam advir e alguns se mudavam para outras áreas mais distantes das margens a fim de evitar possíveis tragédias. Sempre observando as águas do rio e seu movimento. Essas representavam a certeza da abundância bem como tinham a força desse manancial, pois sabiam que com um rio caudaloso a morte era incontestável e desse modo não arriscavam suas vidas. “Por não respeitar o rio muita gente nossa morreu, porque achou que era mais forte do que o Pardo e não foi por falta de aviso que eles conheceram a morte”. A identidade do rio fica impregnada no imaginário de seus habitantes e também daqueles que o conhecem e o utilizam de alguma maneira. O uso que se faz do lugar é que determina a sua valoração.

Nas práticas culturais estão infundidos os aspectos religiosos, pelo conteúdo simbólico que as igrejas desempenhavam na vida social. São aspectos de um mesmo processo espacial, eles definiam nitidamente os momentos do trabalho, o lúdico e o religioso. A maioria se declara católica e costumeiramente aos domingos iam às missas, sejam essas no distrito de Itatinga, que posteriormente se tornaria a cidade de Itambé, ou nas suas próprias casas, mas em todo tempo o ritual católico. Ressaltam que sempre houve o momento de agradecer a Deus e aos santos que os ajudavam no plantio, na pesca e “pôr manter as águas com abundância de peixes”. Todos dizem que o maior dever “é acreditar e agradecer a Deus que tudo criou”. A água do rio Pardo se apresenta como um referencial sagrado, à vista disso para os ribeirinhos as cheias e as inundações representam as bênçãos do Criador, e contrariamente a degradação atual determina “a falta de sabedoria dos homens em cuidar do que Deus criou”.

São unânimes ao afirmar que a água do rio Pardo constitui o elemento mais destacável na paisagem e é enxergada e compreendida como objeto palpável, que se pode usar, visível e por intermédio delas relembram a história deles mesmos, fatos contados e alguns presenciados como parte de um mesmo movimento de construção do

espaço vivido. Desse modo, o uso e a percepção das águas na paisagem possuem um conteúdo simbólico, afetivo, envolto pelo prazer e pelo imaginário. Para os ribeirinhos, a paisagem mudou bastante, as águas já não são tão abundantes, quase não há mais pescada, os barcos e as canoas que restam e que compõem a paisagem são como objetos que perderam suas funções originárias, estão esquecidos à margem do rio.

Hoje a canoa serve para enfeitar o rio, está cheio de água como a gente pode ver. Não tem mais servidão, não tem mais peixe graúdo para pescar e a água não é tão funda para passar de barco, somente lá longe é que dá e é arriscado, pois mais embaixo já tem esgoto do (rio) verruga. (M.S, 68 anos).

Ao mesmo tempo em que se usam essas águas, eles mantêm uma relação de temor, sem especulações, por ter a conscientização de que água é mais poderosa do que o homem e ninguém pode vencer essa condição, nem mesmo o ribeirinho que conhece o rio de tão perto. “É porque a gente vive com o rio que a gente tem até medo dele”. Assim, está expressa a representação social dos ribeirinhos, por meio do rio, como condição na observação do comportamento das águas para o exercício e na construção do labor diário, suas condutas e da promoção de uma estruturação social. E ao mesmo tempo quando se identificam como ribeirinhos alguns ainda se orgulham por serem reconhecidos como tal. O rio Pardo é como uma marca indelével na relação de identidade grupal com o lugar, pois estão inseridos em uma dinâmica social com caracterizações específicas que além do modo de vida, o reconhecer-se como pertencente àquele grupo social particular é apreendido como constitutivo importante para a definição de uma comunidade tradicional.

Os significados e as condutas para com o rio: leituras do passado e presente.

“O rio já foi nosso. A nossa vida significava o rio e bastava olhar para o rio e ver a gente mesmo” (P. S, 72 anos). O rio se tornou o elemento social considerado como instrumento que fornece suporte para a vida diária, um lugar onde há a manifestação do encontro, do trabalho, dos banhos, do bate-papo, enfim da socialização. Conforme alguns ribeirinhos, o rio traduz a incorporação da vida e sem ele o existir do *ser* ribeirinho não teria significado, não teria identificação. A compreensão da existência está na interpretação do próprio rio. O mundo para eles não possui explicação se não for pautado pelas águas, pela vegetação, pela luta cotidiana que se vivenciou nas margens

do rio Pardo. O senso territorial está limitado pelo *ser* ribeirinho, pelo sentido que sua identificação transmite. A posse simbólica é claramente perceptível quando afirmam: “O rio é de todo mundo. Mas, a gente respeita e cuida dele, ou melhor, a gente já pôde um dia cuidar dele e daquilo que se cuida se é dono também”.

As práticas estabelecidas e as condutas diárias faziam com que os ribeirinhos pudessem usufruir e ao mesmo tempo participar de um patrimônio de todos. Ao exercer a sua territorialidade desempenhava também o domínio que lhes indicava simbolicamente a detenção do rio, tornando essa paisagem embebida das práticas culturais e seus laços, atitudes, valores e comportamentos estabelecidos. Os ribeirinhos o consideravam como um território que lhes pertenciam, uma vez que eles foram os primeiros a habitá-lo e, como apontam: “a gente sempre cuidou do Pardo e ninguém fazia isso antes de nós”.

Para o exercício dessa relação está inscrita a linguagem própria que os tornavam únicos no lugar, portanto, exerciam poder. Falam a mesma língua, tinham objetivos, idéias e ideais comuns de preservação, de conservação, de utilização. Por meio dos conhecimentos da natureza se tornavam mais conscientes do território e se intitulavam mais aptos a proteger os limites, muitos dos quais impostos por eles mesmos. Eles tinham uma cultura comum, advinda de regras, códigos, signos e, ainda que limitados pelas individualidades, constituía uma expressão social que permitia a manutenção da vida secular. “Tudo o que você vê por aqui, toda essa água, esse espaço, a vegetação, a gente conhecia de ponta a ponta e quanto mais “nóis” aprendia sobre o rio, a gente ficava dono dele”.

Notam-se como o conhecimento do lugar os fazia sentirem-se donos do território. A importância dos saberes cria uma linguagem comum que, apropriada pela comunidade ribeirinha, os diferenciavam da população urbana que pouco conhecia a área do rio Pardo ainda que estivesse tão próxima do espaço urbano. Conforme relatos: “a gente pertencia ao rio, pois a gente falava a mesma coisa, todos achavam o rio o melhor bem que a gente possuía. A gente era rico não porque tinha lugar para plantar, mas porque o rio é que deixava a terra boa e a gente pertencia ao rio, era do rio”. Os sentimentos de pertencimento reforçam o exercício da territorialidade representando uma conotação cultural ao circunscrever o limite de suas ações simbólicas, políticas e culturais.

As atividades do dia-a-dia, tais como: plantação, pescado, utilização da água para o exercício doméstico, as cantorias às margens do rio, os momentos de lazer, os banhos nas crianças e até os contadores de “causos”, segundo os entrevistados, reiteravam a identidade dos ribeirinhos para com o rio Pardo. Essas manifestações da cultura ribeirinha eram mantidas por meio da preservação dos rituais, das trocas afetivas, das histórias de vida, experiências do trabalho, das manifestações espirituais, socioespaciais, e perpassavam por gerações. Dessas, destacam-se as missas realizadas em sete dias consecutivos com a finalidade de agradecer o acesso a terra, a fartura de plantação e da água; as cantigas de rodas em torno das fogueiras nas noites de lua cheia e, os “causos” que também eram contados para os mais jovens aprenderem as experiências e lições de vida dos mais idosos e até dos já falecidos.

Com essas atitudes eles mantinham o vínculo com o rio e também fortaleciam sua identidade, fatores essenciais para a sua possível perpetuação. A manutenção dos hábitos contribuía para a afirmação de uma identidade ribeirinha e os simbolismos provenientes desses ritos alimentam o imaginário fazendo com que o simples ato de ver o rio hoje traga à memória todas as recordações, afinal “a gente queria ser ribeirinho por toda a vida, mas nem sempre dá certo”.

A vida não era fácil, as casas eram simples demais, não tinha o luxo de hoje não. Mas fome ninguém sabia o que era, quando falta comida na casa de um os outros ajudavam e ninguém reclamava. Todo mundo tinha terra e água para trabalhar, só preguiçoso não fazia muito, mas a gente trabalhava de sol a sol. (P.O, 81 anos)

As tarefas diárias eram definidoras de um cotidiano comum, com equidade entre si, utilizando-se de um mesmo lugar, criando convivência, expectativas, obtendo resultados os quais poderiam ser extensiva a toda comunidade. O ordenamento do mundo se concretizava à medida que o cotidiano era revelado e compartilhado coletivamente. “Mesmo assim nem todo mundo gostava daquela vida, queria que os meninos fossem para a cidade, mas a gente vivia bem”. O discurso da comunidade não é unânime e nem poderia ter uma interpretação comum e sem discordâncias, uma vez que os olhares, ainda que possuam a mesma paisagem, têm direções não consensuais próprias do ser humano. No entanto, não implica necessariamente na desconstrução da identidade ribeirinha, mas abarca a sua pluralidade. Pela importância que o rio produzia nos ribeirinhos sucediam condutas relacionadas a não destruição, a manutenção do

ambiente em que significava a sobrevivência da cultura, do passado e do futuro que esperavam conquistar, tudo isso representava a preservação da própria comunidade.

Um ponto relevante na avaliação do significado da paisagem é com relação aos que morreram e foram enterrados próximo ao rio. “Tem muita gente nossa que ficou por aqui mesmo, da família, parentes e amigos, cunhado que a gente sepultou aqui”. Verifica-se o apego aos homens e mulheres enterrados nas áreas adjacentes. “Todo mundo ficava de luto por vários dias e depois ia se acostumando com o acontecido, sempre que passava perto dos mortos ficava em silêncio, é respeito”. Compreende-se que os elementos construtores da paisagem compõem-se de manifestações que alimentam o imaginário dos ribeirinhos e mesmo sem reconhecer a localização das áreas onde foram realizados os enterros, as lembranças permeiam a memória e a história dos habitantes.

As experiências com a morte e com os mortos permitem uma leitura do rio e de suas margens como um espaço sagrado que remete a um atributo religioso por meio dos sentimentos e das significações do ritual fúnebre. Os conduzem ao sentido da própria vida “é o destino de todos nós. “Aqui todo mundo é igual”. Para o ribeirinho, esse mistério é entendido com silêncio e respeito pela vida e pela morte, e o sepultamento perto do rio é um marco que para eles a vida se inicia e finaliza-se nas águas desse manancial “próximo de Deus o criador de todas as coisas”.

A percepção dos novos elementos na paisagem também promove insegurança e dissabor, pois apenas voltam-se para as recordações com o intuito de relacionar passado e o presente que indica uma condição tão diversa e sem a expectativa que o rio trazia. Tem-se um passado revelador fundado numa relação informal de posse das águas e obediência a natureza, uma vez que as transformações ocorridas com o passar dos anos estão reveladas materialmente na paisagem do rio Pardo e promovem uma nova visão de mundo que não condiz com a revelação trazida pelas águas, pela terra fértil e farta, pela solidariedade.

À medida que muda-se o contexto histórico e surgem novas funções, novas tecnologias, a paisagem se modifica em seus elementos e revela características mais modernas, condizente com a contemporaneidade. “Esse rio era abundante, muita água mesmo e era tanta que até gente morria. Hoje tá ralinho, estreito e pode passar até a pé por onde só passava de barco ou nadando”.

O rio Pardo tem uma aparência diferente da existente há muito tempo atrás, a degradação ambiental tem poluído suas águas em toda sua extensão na Bahia. Essa poluição é provocada, principalmente, pelas atividades pastoris e agrícolas, ocupação irregular do uso do solo, lançamento do lixo doméstico, tanto às margens como dentro do próprio rio. Restos de lixo orgânico, como pó de café, restos de alimentos já preparados, e ainda vasilhames plásticos, material de limpeza como sabão em pó e detergente são depositados diretamente nas águas do Pardo.

Um outro fator contribuinte são os esgotos lançados no rio Verruga, afluente do rio Pardo, advindo das indústrias de calçados, restos de animais mortos provenientes de matadouros clandestinos; bem como a sujeira, o lixo e a lama das pocilgas que quase sempre estão nos quintais das casas próximas aos rios. “Aqui tinha muito peixe, agora quase não tem. A gente nem tem mais o que pescar”. “Muito do esgoto que tem na cidade vem parar aqui e a gente não pode fazer nada”. Observa-se que a paisagem do rio vem sendo modificada com elementos que ao serem incorporados maculam a imagem que outrora fora vivenciada. Essas alterações evidenciam as inter-relações entre as populações e o meio ambiente nas cidades; são apropriadas e transformadas pelo homem e possuem diferentes significados para os mesmos. Ao focar a dinâmica das transformações da paisagem do rio Pardo, tem-se uma forma de contribuição para uma melhor compreensão da relação cultural estabelecida entre o ribeirinho e o curso de água.



FIGURA 6 e 7: Esgotos domésticos lançados no rio Pardo e lixo depositado nas margens do rio. Fonte: SAMPAIO, N. Pesquisa de campo, 2009.

A percepção que os ribeirinhos possuem do rio atualmente está relacionada com acúmulo de lixo, mau cheiro, esgoto, águas contaminadas, mortandade de peixe, enfim um mau uso das águas do rio que segundo eles, tem descaracterizado a paisagem “original”. Nesse contexto específico que inclui as alterações impostas a essa comunidade possibilita investigar os aspectos subjetivos que compreendem a relação que os ribeirinhos estabelecem com o espaço atual, com a história transmitida oralmente e com o espaço submerso e vivo na memória social.

Novas funções foram surgindo em relação ao rio no decorrer dos anos. A pesca era a atividade predominante. Atualmente, o pescador é inexistente. A poluição das águas pode ser considerada um fator das transformações desse manancial. No entanto, muitos proprietários de terra incluem as águas como uma propriedade inalienável e não permitem a utilização dentro das suas áreas territoriais delimitadas. As águas mais preservadas estão dentro dos limites territoriais das fazendas e justamente nelas o ecossistema fluvial está em melhores condições, porém é realmente proibida a entrada de qualquer pessoa que não possua vínculo com os proprietários ou com os trabalhadores da fazenda.

Hoje tudo que é fazenda tem uma placa que diz: Proibido pescar ou mesmo proibido a entrada e a utilização da água para banho ou pesca. A gente sempre pensou que a água deve ser de todos e todos podem utilizar, mas aqui em Itambé não é assim. Tem até jagunço para atirar e até matar quem não obedecer a lei do dono da terra. Quero ver qual ribeirinho sobrevive sem a água. (P. O, 81 anos)

O uso das águas foi restringido e apenas algumas áreas do rio Pardo são de uso livre para a população. Paulatinamente, o rio foi sendo deteriorado por meio do processo de urbanização das cidades, como parte das relações estabelecidas entre o homem e esse elemento natural em diversos momentos históricos. Um processo resultante da visão do homem como agente transformador da natureza, determinando uma relação de domínio. Outra situação enfrentada pelos ribeirinhos está relacionada ao lazer no rio que sempre foi predominante. Nos dias atuais, o lazer ali é pouco realizado principalmente pela degradação das águas já elencada anteriormente, e com a acentuação da violência que tem atemorizado a população residente próxima do rio.

Os usuários de drogas se escondem às margens do Pardo e atacam violentamente os moradores, que imediatamente procuram outros caminhos para chegar até suas casas evitando o percurso costumeiro a fim de impedir ataques à integridade física e à propriedade pessoal pelo uso da força ou de coerção. Os problemas sociais são sentidos nitidamente por eles e os mesmos afirmam que a paisagem proporciona um misto de alegria “por viver perto do rio”, mas de tristeza também, pois ela “tem os lugares e as marcas que são das ações marginais e ocupadas pelos bandidos”. O rio Pardo se tornou conhecido nestes últimos anos como um lugar perigoso não apenas pelo risco de afogamento, mas pelo risco de assalto, de ações criminais contra a mulher e assassinatos. “A gente fica triste, pois aqui sempre foi um lugar de alegria e agora todo mundo fala mal do rio e das pessoas que moram aqui”.

As questões relacionadas à moradia, ao lixo e as novas atividades que os ribeirinhos realizam sempre vêm à tona durante as conversas e as entrevistas. “Aqui não tem carro e nem carroça para pegar o lixo das casas, assim ele é jogado por todos os lugares”. “Tem urubu, tem rato e muita doença por aqui”. Não é realizado o recolhimento do lixo e os moradores são forçados a jogá-los longe de suas casas o que equivale ser próximo do rio. A paisagem apresentada é de muita sujeira e descaso com o meio ambiente, por falta de ação do Poder Público Municipal e ações coletivas para uma alocação do lixo em áreas permitidas.

Essas atitudes geram conflitos entre os próprios moradores, pois consideram que o descarte do lixo jamais deveria ser realizado nas margens do rio e em contrapartida indicam a falta de assistência da Prefeitura como justificativa para tais atitudes. Desse modo, entende-se que não existe um atendimento às necessidades básicas, pois tal como relatado pelos moradores, os acessos e a iluminação são precários e o saneamento básico e a coleta de lixo inexistem “ferindo” a memória dos antigos moradores que, juntamente com os atuais igualam-se como excluídos, não são ribeirinhos uma vez que a degradação impede a relação mais próxima com o rio e, tampouco, são cidadãos, “homem da cidade”, posto que a precariedade dos serviços esteja distante dos padrões urbanos.

O cotidiano do ribeirinho tem sido marcado por conflitos sociais que cada vez mais põe em discussão a identidade da cultura ribeirinha. As novas funções que lhes são atribuídas fazem desse um homem que tem na memória os significados da paisagem e

de si mesmo ligado ao passado, enquanto no tempo presente não há uma definição atual. A comunidade ribeirinha de outrora, ou melhor, os poucos que restam se inserem na nova dinâmica cultural de maneira saudosista, mas também com parcimônia e desconfiança.

Eles preservam no imaginário o rio Pardo de tempos passados e guardam as significâncias traçadas com a paisagem e o lugar pelo decorrer da vida. “Hoje a gente nem pode mais dizer que é um ribeirinho, pois quem já viu ribeirinho sem ter o que fazer?” Consideram-se ribeirinhos porque se sentem pertencentes ao rio e a terra, outros já dizem que essa identidade não existe mais “por ali”, o que para muitos é “um ribeirinho que virou homem da cidade”. A identidade ribeirinha entra em conflito com a realidade social a que pertencem. Não têm possibilidades de exercer as funções que antes indicavam seu estilo de vida, que os evidenciavam como comunidade ribeirinha. “Nem pescar a gente pode mais, a canoa fica enfeitando e enfeando o rio, as crianças brincam dentro dela, tá furada e parada”. Referem-se àquelas que utilizavam para a pesca, como meio de transporte e que nesse momento não são mais usadas em função dos problemas ambientais que estão presentes nas águas do rio.

Mediante as misturas e presenças entremeadas do modo de vida ribeirinho e o modo de vida urbano no Sudoeste Baiano, especialmente na cidade de Itambé emergiram diferentes tipos sociais, ou seja, novos trabalhadores que, diante das condições mais adversas, inventaram e reinventaram formas de sobrevivência, adaptaram-se, por vezes passiva e ativamente às sutilezas complexas dos seus múltiplos ecossistemas pairando a incerteza do *ser* ribeirinho.

O quadro 1.0 sintetiza a percepção das novas práticas e das novas marcas da paisagem: resiste a identidade com o lugar, permeada por sentimentos de tristeza de impotência e sem alternativas para o futuro.

Percepção do Rio Pardo	
Pontos de análise	Ribeirinho
Sensações	Impotência
Resistência	Identidade com o lugar
Sentimentos	Tristeza
Visão	Sem alternativas para o futuro

Quadro 1.0. Percepção dos entrevistados com relação ao rio Pardo
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2009.
 Org: SAMPAIO, N.

Desse modo, é possível compreender como a subjetivação da luta pela vida se traduz no processo de produção de formas, de ser e de habitar, e lugares tão distintos como a beira de um grande rio é modificada pelas ações que são realizadas em um espaço que comporta uma visão comercial, urbanística e que produz uma profusão de comportamento, sensações e sentimentos que são como referência primária das condições de existência do imaginário coletivo. Para tanto, observa-se que quando há uma circulação cada vez mais livre e freqüente de pessoas e fluxos, a identidade ribeirinha já não pode ser definida pela associação exclusiva à sua comunidade, posto que não mais se manifesta por suas práticas sociais.

Em meio às discontinuidades do desenvolvimento histórico, os modos de vida produzidos e reproduzidos pela contemporaneidade tendem a afastar os tipos tradicionais da ordem social em razão de que as mudanças engendradas nessas sociedades são bastante profundas. O rio que anteriormente era considerado como um lugar seguro que estabelecia a vida ribeirinha tornou-se perigoso e não mais possível o exercício diário da existência. O misto de insatisfação e de necessidade conflita com as lembranças e a realidade que as circundam. É visível a mudança de significados em função das novas práticas sociais a que são cotidianamente emergidos e que afetam os valores culturais e os mecanismos cognitivos.

Mudam-se as práticas e as vivências, reproduzem-se modelos importados de várias paisagens ou recriados pela possibilidade das novas tecnologias. As especificidades que asseguravam o caráter de uma determinada paisagem são substituídas progressivamente, pelo menos em parte, pela diversidade, o que leva a uma homogeneização das paisagens e a perda das características intrínsecas, ou de sua autenticidade. As manifestações das práticas culturais do mundo ribeirinho penetram o mundo urbano, assim como aquela é receptora das contribuições das práticas culturais da cidade. Interpenetram-se, embora o ¹*habitus* previamente estruturado de cada um seja relativamente distinto.

As formas de produção tradicionais já não são mais generalizadas, posto o conhecimento tradicional ser pouco aproveitado. A urgência atual é conviver com o diverso e pertencer à cultura urbana. Evidencia-se que os elementos da paisagem

¹ O conceito de *habitus* desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu com o objetivo de pôr fim à antinomia indivíduo/sociedade na sociologia estruturalista. Relaciona-se à capacidade de determinada estrutura social ser incorporada pelos agentes por meio de disposições para sentir, pensar e agir.

revelam as relações existentes entre forma e função, contribuindo para uma desmitificação do simbolismo que estes itens portam e cujas alterações, incorporações e desaparecimento despertam nos moradores os mais variados sentimentos de nostalgia.

Enfim, atentou-se que as características peculiares que conferem ao ribeirão sua identidade estão sendo progressivamente abandonadas, ainda em adaptação à dinâmica cultural urbana, ou seja, buscando adequarem-se à nova vida. No entanto, para alguns poucos que se referenciam em suas evidências peculiares, visualmente por meio da paisagem, estão desesperançados em relação à sobrevivência das práticas culturais e terminam por acreditar que o desmanche de sua cultura está sendo abreviadamente anunciado, não há uma continuidade da comunidade ribeirinha. E, neste processo, a possibilidade de comunicação com apenas fragmentos da cultura ribeirinha não os satisfazem, pois muitos almejam experimentar o retorno às origens mesmo acreditando que é um sonho vão. “Nós nunca mais seremos os mesmos e jamais teremos uma cultura ribeirinha e original por essas bandas, nós estamos morrendo, não do corpo, mas da alma”. É o anúncio da morte social da comunidade ribeirinha no Sudoeste da Bahia

Considerações Finais

A paisagem do rio Pardo foi lida como um conjunto indissociável e em contínua transformação, estabelecendo uma relação visual e simbólica, determinando atitudes entre o grupo social para com a paisagem do rio Pardo. Conforme informa Sauer (2004, p.42) “não podemos formar uma idéia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela está em processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição”. Para tanto, a paisagem abarca sucessivas relações entre o homem e a natureza apontando para a importância do momento e da temporalidade que se dá pela apreensão da mesma pelo olhar e é entendido como uma associação na construção da paisagem cultural. Nesse entendimento de interação entre sujeito, objeto e relações sociais, a paisagem do rio Pardo foi abordada e expressada em seus diversos aspectos funcionais e simbólicos.

Portanto, esse manancial sempre representou a abundância, a fartura das águas e símbolo existencial do ribeirão, pois a mobilidade da comunidade continuamente esteve ligada ao rio. A pesca, a lavagem da roupa e o lazer tinham sentido porque eram

praticados no Pardo. Dessa maneira, as águas e seus ciclos ainda são entendidos como significação de domínio que devem ser resguardados para a conservação da própria vida.

A identidade ribeirinha é reforçada ao sentir-se pertencente e pertencida pelo rio, mesmo compreendendo que esse não é mais o discurso unânime uma vez que os olhares, ainda que possuam a mesma paisagem, têm direções não consensuais, inerentes do ser humano. No entanto, não implica necessariamente na desconstrução da identidade ribeirinha, mas abarca a sua pluralidade. Dessa forma, exercem a sua territorialidade, pois o rio é apreendido como espaço de articulação, de mediação considerando os aspectos materiais e imateriais construídos no cotidiano e no labor diário da comunidade ribeirinha.

Neste contexto, entende-se que, o que se inicia com simples contemplação até a construção da representação social é reforçado quando há continuidade das tradições e práticas culturais. Segundo Carlos (2007, p.41).

[...] As relações sociais realizam-se concretamente através de uma articulação tempo-espaço, o que ilumina o plano do vivido, ou seja, a vida cotidiana e o lugar [...] O lugar, portanto, liga-se de modo inexorável a realização da vida como condição e produto do estabelecimento das relações reais indispensáveis a ela, mas a produção da vida e do lugar revela a necessidade de sua reprodução continuada. (CARLOS, 2007 p.41)

Nessa perspectiva, existe a necessidade de prosseguimento da própria história ribeirinha no Sudoeste baiano que nos dias de hoje conflita com os problemas sociais e econômicos encontrados e que velozmente impede a continuidade ribeirinha. O rio Pardo encontra-se poluído com o comprometimento de suas águas exatamente nas áreas usadas pelos ribeirinhos para plantação e pesca o que muda inexoravelmente o modo de vida dessa comunidade tradicional.

Os conflitos ambientais e sociais estão justapostos e diariamente são acentuados estabelecendo correlações com a desigualdade social, comportando dificuldades novas, outras antigas, portanto, recorrentes à compreensão da teia das interações entre sociedade e natureza e assiste a não inserção, de políticas, de projetos que amenizem os problemas ambientais que socialmente estão imbricados e relacionados à moradia, esgotamento sanitário, arruamento, segurança pública, etc. atingindo diretamente a comunidade ribeirinha estudada. Avalia-se que ínfimas sejam as perspectivas que

indicam uma reorientação no sentido de continuidade da comunidade ribeirinha, confirmando que a reprodução social dos ribeirinhos está sob intensa constrição.

Ainda assim, mediante todas as constatações, avalia-se que são imprescindíveis propostas urgentes para uma maior compreensão da espacialidade, da identidade ribeirinha no sentido de proporcionar um resgate para a manutenção das práticas culturais ao utilizar-se, por exemplo, dos conhecimentos tradicionais, dos manejos, em relação para com terra e a água bem como dos saberes específicos e valiosos do *ser* ribeirinho.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: **ALMEIDA, Maria Geralda de, ALMEIDA, Alessandro JP Ratts.** Geografia: leituras culturais. **Goiânia: Alternativa, 2003**

BERQUE, Augstin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: **CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (org).** Paisagem, tempo e cultura. 2ªed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

BERTRAND, Georges. Uma geografia transversal e de travessia: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. **Organizador Messias Modesto dos Passos.** Maringá: Massoni, 2007.

CARLOS, Ana Fani A. O lugar no/do mundo. **São Paulo: Hucitec, 1996.**

CARLOS, Ana Fani A. O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade. **São Paulo: LABUR, 2007.**

CENTRO DE RECURSOS AMBIENTAIS. Bacia hidrográfica do rio Pardo. Disponível em www.seia.ba.gov.br. Acesso em 28 de agosto de 2009.

CLAVAL, P. As abordagens da geografia cultural. In: **CASTRO et al (org.)** Explorações geográficas – percursos do fim do século. **Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.**

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada.** 5ª Ed. São Paulo: Hucitec, NUPAUB / USP, 2004.

GIL, Ana Helena Correa de Freitas, GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia do cotidiano: uma leitura da metodologia sócio-interacionista de Erving Goffman. **Ateliê Geográfico.** Goiânia, v. 2, n.4 Agos/2008.

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: História, conceitos e uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RA'EGA**. Curitiba. Editora UFPR, nº 13, p, 19-27, 2007.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e geografia. **Finisterra**, XXXVI, 72, p.37-53. Lisboa, 2001.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia da crítica**. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 5ª edição. São Paulo: EDUSP, 2007.

SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: **Paisagem, tempo e cultura**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: EdERJ, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia – Um estudo da percepção e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

b

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Inútil oposição natureza X cultura na complexidade ambiental das tramas contemporâneas. **Geonordeste**. Vol XIX, 2008.

Recebido para publicação em julho de 2010

Aprovado para publicação em novembro de 2010